

Os desafios da pastoralidade: tensão e dialética entre teologia e pastoral

*José Flávio Mamende*¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo discorrer sobre os desafios da articulação entre pastoral enquanto práxis em diálogo com a teologia pastoral na sua forma acadêmica. Essa articulação que se chama dialética torna-se mais desafiadora devido às polarizações pelas quais passa a sociedade hodierna. De fato, as polarizações são baseadas no fundamentalismo e no fechamento às inovações e criatividade pastorais, bem como no acentuado subjetivismo e intimismo religioso advindos de posturas conservadoras e neopentecostais. Propõe-se como caminho para pastoralidade atual uma dialética entre praxiologia pastoral e reflexão teológica. A pastoral na sua praticidade elabora perguntas em diálogo com a teologia, que por sua vez ilumina a pastoral dando embasamento para a sua atuação. Toda teologia é pastoral e torna-se prática no confronto entre a mediação da ciência como reflexão sistemática e o exercício da vida pastoral. A ação pastoral na sua praticidade reverbera o encontro entre a figura do teólogo e do pastor. Desse modo, teologia e pastoral põem-se a serviço da mesma causa que é a evangelização. Essa tensão é mantida pela síntese entre a reflexão existencial e a teologia acadêmica. Por isso, a teologia pastoral leva em consideração a práxis de Jesus de Nazaré, pois tanto a reflexão teológica como a ação prática tendem ao anúncio de Jesus Cristo. Portanto, o caminho para uma pastoral na atualidade passa necessariamente pela interação entre teologia e prática pastoral. Faz-se necessário colocar o programa de Jesus Cristo na ação pastoral, valorizando a criatividade dada pelo Espírito Santo. A ação pastoral está condicionada à eclesiologia que se quer implantar e, por conseguinte à vivência da fé advinda da concepção cristológica desenvolvida, isto é, às imagens de Jesus Cristo que estruturam a vida pastoral e eclesial. A pastoral não deve se tornar produto do momento desenvolvendo posturas emocionalistas e espiritualistas. Entretanto, caminhos como espiritualidade e profetismo não podem ser esquecidos para o amadurecimento e o seguimento a Jesus Cristo. É neste sentido que a pastoral deve ser iluminada pelo diálogo, evitando posturas reducionistas e exclusivistas. O encantamento pela pessoa de Jesus se dará normalmente por uma pastoral que contemple como programa evangelizador a missionariedade, a esperança e a alegria.

Palavras-chave: Pastoral. Teologia. Práxis. Missionariedade. Evangelização.

INTRODUÇÃO

A teologia cristã tem como objetos Deus e seu mistério revelado, acolhidos através da fé na comunidade eclesial. A. Murad afirma que “a teologia cristã só pode ser compreendida a partir da fé de que Deus mostrou quem ele é, manifestando seu projeto de salvação para toda a humanidade. É o que nós, cristãos, chamamos de revelação”.² A fé pressupõe várias dimensões como o encantamento, o conhecimento e também o seguimento como adesão à proposta de salvação. É neste sentido que a fé se torna prática.

1 Mestre em Teologia Sistemática pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE. Instituição patrocinadora: CAPES. E-mail: namedej@ig.com.br.

2 MURAD; GOMES; RIBEIRO, 2010, p. 16.

A palavra práxis significa “prática ou ação concreta”, ou seja, é preciso traduzir a teologia prática na vida do crente. A teologia acadêmica deve ser expressão da vida do sujeito que crê. É preciso que haja uma dialética entre o fazer e o viver a teologia na práxis e pela práxis, isto é, a vida pessoal do sujeito crente caminha em harmonia com o ensino de teologia. Em outras palavras, deve haver uma ligação de complementariedade entre ortodoxia e ortopraxia. Caso contrário, a fé pode se tornar em ortodoxia alienante, ou seja, uma confiança cega em verdades reveladas, mas que não transformam a vida do crente. Pode-se afirmar que seria uma fé fora da história, que não implica nas causas sociais, políticas, econômicas, moral e existencial do sujeito. A teologia ficaria totalmente desencarnada da vida do crente. Isto seria uma “esquizofrenia religiosa”: acreditar em algo que não implica uma mudança na vida do sujeito crente.

A fé deve levar a um compromisso, que segundo os teólogos da libertação devem transformar as estruturas sociais.³

O sujeito aprende teologia, ou seja, compreende, assimila os conteúdos teológicos, demonstrando capacidade para articulá-los, mas também faz teologia aplicando e utilizando a técnica e o método teológico. É preciso que o sujeito crente que estuda teologia saiba aplicar os conhecimentos teológicos na sua experiência religiosa e, por conseguinte possa amadurecer a espiritualidade cristã e ser convertido, assumindo posturas morais e éticas de acordo com a fé que professa.

A pastoral fundamental se preocupa com a totalidade da ação da Igreja na vivência da prática de Jesus Cristo voltada para a evangelização de todos os povos. Na Igreja, fala-se muito em pastoral ou pastorais. Fala-se em fazer pastoral. O que se entende por fazer pastoral? Como não se perder na pluralidade das pastorais? Existe em nossas comunidades uma diversidade de pastorais onde leigos, religiosos e padre exercem seu ministério. A variedade das pastorais às vezes pode confundir. Entretanto, a diversidade pastoral é sinal da vitalidade da Igreja.

A teologia pastoral é definida como a reflexão teológica sobre o conjunto das atividades com as quais a Igreja se realiza e exerce sua missão. É uma ciência teológica que analisa concretamente como a Igreja se edifica, levando em consideração sua natureza. Toda ação eclesial é pastoral, abarcando “o complexo de atividades desenvolvidas na Igreja para a consecução de seus próprios objetivos; “teologia pastoral” indica a reflexão, criticamente fundamentada, sobre o acontecimento pastoral.⁴

Sob esta ótica, a teologia trabalha em parceria com a pastoral, mantendo uma tensão em que a teologia dá suporte a pastoral, que por sua vez elucida perguntas à teologia.

3 LIBANIO, 1990, p. 190-191.

4 PACOMIO, 1997, p. 84.

1 DA TEOLOGIA À PRÁTICA PASTORAL

Como teologia, a pastoral trabalha com objetos metodológicos e científicos. Normalmente, os pastoralistas definem a pastoral a partir dos seguintes objetos: material, formal, instrumental e final. O objeto material se caracteriza pelas ações eclesiais que se subdividem em Palavra, Liturgia e Caridade. O objeto formal é a realização eclesial condicionada pela situação presente. Precisa-se da colaboração da teologia pastoral com as ciências contemporâneas. Há uma interação de complementariedade. O objeto instrumental é a Igreja inteira na sua ministerialidade, comportando tanto o sacerdócio comum dos fiéis como o sacerdócio ministerial. O objeto final pode ser expresso como a plenificação da realização eclesial, isto é, são os resultados que se quer alcançar.

Há uma tensão permanente entre teologia e pastoral. A pastoral ilumina a teologia, enquanto levanta perguntas que lhe possibilitem aprofundar o entendimento do dado revelado. A teologia ultrapassa a pastoral e não se esgota nas respostas imediatas a perguntas suscitadas por grupos e questões concretas da comunidade eclesial. Porém, a teologia e pastoral põem-se a serviço da mesma causa que é a evangelização. Essa tensão é mantida pela síntese entre a reflexão existencial e a teologia acadêmica.⁵

Segundo A. Murad, “a pastoral se define como as atividades da Igreja no seu interior ou na relação com o mundo, ou então uma disciplina teológica. Ao falar de teologia pastoral, faz-se referência à forma de refletir o conjunto da fé a partir da atividade eclesial”.⁶

A pastoral no singular deve ser compreendida como o conjunto desta riqueza dos trabalhos pastorais. Na pastoral, procura-se atualizar a missão de Jesus. Pode-se entender a pastoral como o conjunto das pastorais. Por isso, todos os batizados são sujeitos dessa missão. Porém, isso não significa que devem fazer a mesma coisa. Os caminhos para superação dos desafios pastorais na atualidade passam necessariamente por uma interação entre teologia e práxis em uma pastoral missionária, aberta, alegre e anunciadora da esperança.

De acordo com A. Brighenti, a teologia pastoral é relativamente nova, emancipando-se do direito canônico, da moral, da dogmática e da eclesiologia, conseguindo se impor como disciplina teológica.⁷ O desenvolvimento da pastoral na teologia católica percorre diversas etapas. De uma concepção pragmática e clericalista passa a uma concepção bíblica e histórico-salvífica, desembocando em posturas claramente eclesiológicas.⁸ A teologia pastoral comporta todos os fundamentos e pressupostos de uma ciência teológica. É neste sentido que A. Brighenti afirma que a teologia pastoral é teologia pastoral fundamental.⁹

5 LIBANIO; MURAD, 2014, p. 195.

6 MURAD; GOMES; RIBEIRO, 2010, p. 143.

7 BRIGHENT, 2011, p. 69.

8 FLORISTAN, 1998, p. 107-122.

9 BRIGHENT, 2011, p. 70.

A teologia pastoral engloba o fazer e o ser da Igreja, uma vez que sua práxis revela a eclesiologia implantada e desenvolvida. É a teologia que define a partir do seu objeto científico a eclesiologia aplicada. Por isso, é de fundamental importância se perguntar que teologia está por trás de uma determinada prática pastoral, isto é, no exercício da vida pastoral que teologia se passa para o povo. A pastoral não pode estar separada da teologia e vice versa. Segundo A. Brighenti, “cabe a teologia pastoral ajudar a Igreja a mudar-se continuamente, para ser sempre a mesma Igreja, nascida de Jesus Cristo e constituída pelo Espírito de Pentecostes”.¹⁰

O Concílio Vaticano II (1962-1965) deu novo vigor à vida pastoral na Igreja. Isso é expresso na própria natureza como o Concílio Vaticano II foi definido: ser pastoral. Na interpretação de J. Libanio, quando se fala de pastoral na teologia conciliar tem-se um arcabouço de significações:

Pastoral serve para traduzir as atividades da Igreja, seja em seu interior, seja em relação ao mundo externo. Abrange a catequese, a liturgia, os cursos de preparação para os sacramentos, além das ações sociais. Falamos de pastoral da Igreja. Há uma disciplina na teologia que prepara os futuros sacerdotes e agentes leigos para a ação pastoral. É a teologia pastoral. E, finalmente, o conceito indica uma maneira de compreender o conjunto da fé e, conseqüentemente, implica um modo de vivê-la. Nesse último sentido o Concílio foi pastoral.¹¹

A teologia conciliar mais próxima do ato pastoral é definida como conhecimento prático ou discurso comprometido com a práxis da salvação e da fé. Os teólogos J. Libanio e A. Murad afirmam que as mudanças introduzidas pelo Concílio Vaticano II atenuaram muito a distância entre teologia e pastoral, porém muitas vezes, surgem questionamentos originados da dificuldade de tal articulação.¹² De fato, somente através de uma prática pastoral que leva em consideração o embasamento teológico é que ocorre em uma cooperação entre teologia e pastoral.

1.1 PRÁTICA TEOLÓGICA

O caminho percorrido pela teologia da libertação na América Latina produziu uma teologia que valoriza os pobres como lugar teológico. Essa libertação busca novos caminhos através de três aspectos práticos: diálogo, profetismo e espiritualidade.

A teologia enquanto prática não pode se fechar em um mundo à parte, mas precisa viver em diálogo com as mudanças e as situações concretas da vida. O diálogo objetiva

10 BRIGHENTI, 2011, p. 70.

11 LIBANIO, 2005, p. 67-68.

12 LIBANIO; MURAD, 2014, p. 51.

necessariamente apontar respostas aos problemas da atualidade: compromisso global com a justiça social, defendendo o ser humano e a criação, bem como respeitando a pluralidade das religiões e, portanto está aberta a vencer posturas fundamentalistas e exclusivistas. Para A. Murad, a teologia da libertação na sua praticidade exerce por meio do diálogo um papel preponderante na Igreja, testemunhando a tolerância, o respeito e o consenso que a fazem crescer.¹³ A pastoral do diálogo deve propor a fé, dialogando com os homens e mulheres da atualidade. A teologia pastoral se tornará concreta na vida das comunidades pelo diálogo. A. Pagola defende a busca incessante da pastoral do diálogo na Igreja: “durante estes últimos anos foi-se tomando consciência de que a Igreja precisa agir sempre com espírito de diálogo com todos; mas na prática, quase não consegue abrir caminhos novos”.¹⁴

A práxis teológica deve ser genuinamente profética, uma vez que encarna a práxis de Jesus na sua elaboração teológica e execução pastoral. O profetismo coloca a teologia em prática, defendendo as mesmas causas de Jesus: os pobres e toda a “casa comum”, isto é, todos os seres que vivem em interdependência. O profetismo consiste em reavivar o espírito profético de Jesus nas comunidades em parcialidade com os pobres, através de uma reação aos abusos e violência que massacram os pequenos. Essa indignação profética deve ser imbuída de um chamado à esperança como ação do Espírito, rompendo silêncios e libertando-se de medos que paralisam a ação pastoral profética.¹⁵

A praxeologia também deve conjugar o discurso teológico com a espiritualidade através de uma mística encarnada e engajada. P. Casaldáliga elucida que “a espiritualidade cristã é, por definição a espiritualidade de Jesus, segundo seu Espírito. Sua opção deverá ser nossa opção, suas atitudes nossas atitudes, sua práxis nossa práxis”.¹⁶

Portanto, estes três aspectos: diálogo, profetismo e espiritualidade abrem perspectivas para novos caminhos pastorais na atualidade.

2 DA PRÁTICA AOS CAMINHOS DA PASTORAL NA ATUALIDADE

Fala-se muito na atualidade em pastoral orgânica, cujo objetivo é a organização de todas as atividades em um exercício de comunhão e corresponsabilidade em vista de objetivos comuns. Essa forma de desenvolver a pastoral expressa de forma concreta a unidade da Igreja e favorece o enriquecimento da ministerialidade. Também, evita sobrecarga de compromissos e atividades paralelas, tanto nos agentes como nos destinatários. Uma pastoral de conjunto é o caminho para que a evangelização seja eficaz. A escolha de uma pastoral orgânica exige eixos prioritários de acordo com a realidade.

13 MURAD; GOMES; RIBEIRO 2010, p. 183.

14 PAGOLA, 2015, p. 19.

15 PAGOLA, 2015, p. 81-90.

16 CASALDÁLIGA, 2008, p. 20.

Na pastoral orgânica, devem-se levar em consideração três dimensões fundamentais: criteriologia, doutrina e praxeologia. A criteriologia ocupa-se dos objetivos com as metas de ação na pastoral da Igreja. O marco doutrinal centra-se na explicitação da doutrina através da revelação e da tradição. Esse marco determina para onde se vai. O marco da praxeologia ocupa-se das mudanças na prática pastoral.¹⁷

A ação pastoral de conjunto exige um planejamento participativo, descentralizado que deve superar o binômio “clero-leigos” em vista de uma comunidade-ministerial, ou seja, uma pastoral orgânica baseada na comunhão deverá promover a participação de todos no processo de tomada de decisões. A Brighenti defende que o planejamento participativo revele uma eclesiologia de comunhão e participação:

Uma eclesiologia de comunhão e participação é o pano de fundo de um processo participativo e constitui-se no ponto partida e de chegada do mesmo [...]. No horizonte dessa eclesiologia, o processo implica crer na força da participação, no discernimento comunitário, na força dos fracos, num trabalho em colaboração com todas as pessoas de boa vontade, em resumo, numa Igreja que tem na trindade o modelo da melhor comunidade.

O caminho de pastoral orgânica deve ser uma resposta consciente para atender às necessidades do mundo de hoje com meios programáticos, objetivos e métodos. A pastoral de conjunto vai além do método ou modo de executar ações e atividades pastorais. Trata-se de um estilo de vida que requer uma mística vivida na vida pastoral. Segundo Salvador Fuentes, “na pastoral de conjunto, mais do que a organização e o método, está em jogo um espírito, uma convicção, uma tomada de consciência”.¹⁸

A pastoral de conjunto está desafiada a buscar caminhos abertos e sólidos que possam dialogar com o cenário eclesial complexo, marcado por ondas de individualismo e religião de mercado. O individualismo leva o sujeito a realizar projetos próprios, alimentando uma religião de mercado que responda a problemas financeiros, familiares, afetivos e econômicos. Essas práticas também são divulgadas e alimentadas por uma mídia social que cria comunidades virtuais a partir de interesses comuns. É neste sentido, que a pastoral deve pedir o auxílio da teologia para dialogar também com neopentecostalismo, buscando elementos de convergências, através de uma linguagem renovada e de uma comunicação com eficiência. Por isso, a pastoral deve buscar o diálogo a partir da espiritualidade. Porém, não se trata de qualquer espiritualidade, mas de uma alteridade que busque causas comuns.

Por fim, a pastoral deve se imbuir de uma teologia que fale a linguagem do povo con-figurada como uma “espiritualidade popular” ou “mística popular”. Conforme afirma Paulo Suess, “trata-se de uma verdadeira espiritualidade encarnada na cultura dos simples”.¹⁹ Esse

17 BRIGHENTI, 1998, p. 25-58.

18 FUENTES, 2008, p.135-136

19 SUESS, 2015, p. 72.

projeto prático de pastoral será possível se houver evangelizadores com espírito, isto é, homens e mulheres que rezam e trabalham. Na atualidade, é possível enxergar como referencial da teologia do povo, o papa Francisco, que tem despontado com um novo modelo pastoral baseado no diálogo, na comunhão e missão através de uma evangelização com espírito.

2.1 O MODELO PASTORAL DE FRANCISCO: UM CAMINHO PARA ATUALIDADE

O modelo pastoral do papa Francisco desponta como um caminho atraente e eficaz na evangelização da atualidade. A teologia de Francisco é expressa no exercício de seu governo pastoral caracterizando-se numa teologia do povo.

A pastoral do papa Francisco é na atualidade um exemplo claro de uma pastoral eficaz que sabe unir teologia e prática pastoral. Os principais eixos do programa pastoral do papa Francisco estão em um arcabouço chamado de teologia operante que traz o evangelho para a base eclesial, traduzido na primazia do ser humano, do pobre e de um Deus misericordioso.²⁰ De fato, os principais eixos pastorais de Francisco estão baseados em uma pastoral missionária, aberta e que valoriza o cuidado para com a “casa comum” e os pobres de forma acolhedora e misericordiosa.

A Igreja missionária é descrita como uma “Igreja em saída”, tendo sua fundamentação nas figuras bíblicas que fizeram o dinamismo da “saída” na história do povo de Deus. Trata-se de uma verdadeira pastoral missionária que tem como objetivo a transformação de toda Igreja. Esse modelo missionário exige uma mudança estrutural baseada em uma conversão pastoral, suscitada por meio de uma operante renovação eclesial inadiável nas estruturas da Igreja. A reforma pastoral da Igreja exigida por Francisco se reveste de um perfil eclesiológico marcados por inovações como abandonar o imobilismo e o tradicionalismo, sendo ousados e criativos nesta tarefa de repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das respectivas comunidades.²¹ Nesta perspectiva, é preciso ouvir a todos com proximidade simples e misericordiosa, tendo como finalidade promover uma comunhão dinâmica, aberta e missionária, provocando o amadurecimento dos organismos de participação e de outras formas de diálogo pastoral.²²

A pastoral em “saída” contempla necessariamente um encontro com os pobres. Esse encontro deve transformar-se em uma “Igreja pobre com os pobres” e que se deixa evangelizar por eles.²³ Neste sentido, a Igreja de portas abertas não é um “slogan” que dever repetido, correndo o risco de desaparecer pelo modismo da atualidade. Por isso, a Igreja não pode ter medo de colocar o pobre no centro da sua ação pastoral. A proximidade da Igreja com os pobres advém da práxis de Jesus: “Os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho,

20 SOUZA, 2017, p. 139.

21 EG, 2013, n. 33.

22 EG, 2013, n. 31.

23 EG, 2013, n. 198.

e a evangelização dirigida gratuitamente a eles é sinal do Reino que Jesus veio trazer. Há que afirmar sem rodeios que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres”.²⁴ Vale salientar que a opção pelos pobres coloca a Igreja em “saída” e faz com que vença o fechamento e a comodidade.²⁵

A Igreja em “saída” supõe uma abertura para além dela mesma por meio de uma consciência de interdependência entre todos os seres. Em síntese, a teologia afirma que o pecado é também um descompasso ético e com cuidado da “casa comum”. É preciso criar uma política ambiental-ecológica, social e política. Essa reflexão é levada a sério no pontificado do papa Francisco, convidando a todos para uma cidadania ecológica ou mesmo uma conversão ecológica com a finalidade de salvar a “casa comum”.²⁶ O ser humano não deve tratar a criação como objeto, como produto e ser explorado e, por conseguinte, há uma relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta. É preciso lembrar que a exploração desordenada dos recursos naturais traz consequências devastadoras como poluição, mudanças climáticas, escassez de água e perda de biodiversidade. Além de que deteriora a qualidade de vida humana e acentua a degradação social. Tudo isso afeta a qualidade de vida no planeta com acentos profundos nos mais pobres.²⁷

A teologia prática do papa Francisco é um novo paradigma para os caminhos da pastoral na atualidade por meio de um projeto operante que toca o coração das pessoas, aberto a situação do tempo presente no diálogo com mundo, com a realidade até com quem pensa diferente. Entretanto, convém que as mudanças pastorais do papa Francisco sejam implementadas na pastoral dos nossos dias, caso contrário, pode ocorrer uma repetição de suas ideias em bordões e pouca aplicação de seu programa pastoral.

CONCLUSÃO

Ao delinear os caminhos pastorais hoje, percebe-se um grande desafio marcado pela complexidade do atual cenário religioso. Isso requer lucidez para que a teologia não fique cristalizada ou mesmo tome rumos da época momentânea fazendo valer o gosto dos consumidores religiosos. Por isso, precisa-se de um maior embasamento teológico por parte dos agentes de pastoral. Esta pastoral deve ser cada vez mais exigente, dispondo de recursos que auxiliem suas atividades como a comunicação e a especialização de seus agentes. O impacto da teologia na pastoral dependerá da habilidade de formas eficazes de diálogo com os desafios do tempo hodierno.

Diante do cenário religioso baseado em uma espiritualidade de cunho emocional, faz-se necessário encontrar caminhos de diálogo aberto e crítico. Neste sentido, a teologia pode

24 EG, 2013, n. 48.

25 EG, 2013, n. 49.

26 LS, 2015, n. 211-217.

27 LS, 2015, n.16.

desempenhar um papel preponderante, podendo dar embasamento para uma espiritualidade fundamentada na experiência cristã. É preciso usar a criatividade para evangelizar com espiritualidade, fundamentada em uma teologia que ultrapasse a pura racionalidade e se ocupe de uma linguagem que abarque a totalidade da pessoa e sua relação com o mundo. Trata-se de uma “teologia que seja companheira da humanidade, mostrando a proximidade de Deus ao homem e das possibilidades da proximidade do homem a Deus”.²⁸

O papa Francisco reconhece que é preciso criar espaços para motivar e sanar os agentes de pastorais, onde se possa regenerar a fé em Jesus crucificado e ressuscitado e partilhar questões mais profundas e preocupações cotidianas.²⁹ A. Pagola interpreta esses espaços por meio de uma proposta bem concreta: criar grupos que aprofundem o seguimento a Jesus não por meio de uma doutrinação ou processo de aprendizagem, mas pelo contato com o evangelho. Esses grupos embora tendo uma referência eclesial devem estar abertos a todos como comunidades de iguais, tendo sua criatividade própria com liberdade de organização.³⁰

Sob esta perspectiva, a interação entre teologia e pastoral com a finalidade de encontrar caminhos novos para a prática pastoral na conjuntura atual exigirá diálogo, criatividade e ousadia por meio de uma missionariedade permanente e uma espiritualidade inserida.

REFERÊNCIAS

BRIGHENTI, A. *Reconstruindo a esperança: Como planejar a ação da Igreja em tempos de mudança*. São Paulo: Paulus, 2000.

_____. *A Pastoral dá o que pensar: a inteligência da prática transformadora da fé*. São Paulo: Paulinas; Valência, Esp: Siquem, 2011. (Teologia pastoral).

CASALDÁLIGA, Dom Pedro. *Nossa espiritualidade*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *É hora de mudança*. São Paulo: Edições Loyola, 1998;

FLORISTAN, Casiano. *Teología práctica: teoría y praxis de la acción pastoral*. Salamanca: Sígueme, 1998.

FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas. 2013. (Voz do Papa).

_____. Carta encíclica sobre o cuidado da casa comum *Laudato Si*. Brasília: CNBB, 2015. (Documentos Pontifícios).

FUENTES, S. Valadez. *Espiritualidade pastoral: como superar uma pastoral sem alma*. São Paulo: Paulinas, 2008.

LIBANIO, J. *Deus e os homens: os seus caminhos*. Petrópolis: Vozes, 1990. (Religião e Saber).

_____. *Concílio Vaticano II: em busca de uma primeira compreensão*. São Paulo: Loyola, 2005. (Teologia).

LIBANIO, J. B. MURAD, Afonso. *Introdução à teologia: perfil, enfoques, tarefas*. São Paulo: Loyola, 2014.

28 LIBANIO; MURAD, 2014, p. 37.

29 EG, 2013, n. 77.

30 PAGOLA, 2015, p. 93-102.

MURAD, Afonso. GOMES, P. Roberto. RIBEIRO, Súsie. *A casa da teologia: introdução ecumênica á ciência da fé*. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal 2010. (Percurso e moradas).

PACOMIO, L et al. *Dicionário teológico multidisciplinar*. Salamanca: Sigueme, 1997, V. 2. (vocábulo: Teologia Pastoral).

PAGOLA, A. J. *Voltar a Jesus: para a renovação das paróquias e comunidades*. Petrópolis: Vozes, 2015.

SUESS, Paulo. *Dicionário da Evangelii Gaudium: 50 palavras-chave para uma leitura pastoral*. São Paulo: Paulus, 2015. (Comunidade e missão).